

Dżesika

Michał Witkowski

Tradução de Eneida Favre¹

Apresentação de Piotr Kilanowski²

Universidade Federal do Paraná

Apresentação

Michał Witkowski (1975-) é um escritor polonês. Seu romance, *Lubiewo* que teve sua primeira edição em 2004, foi um marco na literatura polonesa contemporânea, tanto pelo tema – descrição do mundo homossexual, quanto pelo estilo, por vezes chamado de “witkowszczyzna”. O estilo, marcado por exagero na descrição do mundo e uso de vocabulário de subculturas homossexuais contém inspirações que vão desde a *gawęda szlachecka*, uma espécie de narrativa típica barroco polonês, até a linguagem de Gombrowicz. A ironia, o olhar sardônico e grotesco, ao lado de elementos de cultura pop e humor, por vezes terno, por vezes malicioso completam os elementos característicos da prosa de Witkowski.

Seu tema invariavelmente é o mundo dos homossexuais. Witkowski rejeita o conceito de “gay”, por ver nele uma criação de cultura comercial de massa que contribui para criar uma imagem estereotipada e estreitada da minoria sexual. Embora se reconheça como um homossexual, não se considera um “gay”. Nos seus livros usa frequentemente denominações consideradas ofensivas para descrever homossexuais, talvez como elemento de provocação, talvez para tirar dessas palavras uma anátema social.

Assim *Lubiewo*, muitas vezes chamado de primeiro romance abertamente gay na literatura polonesa é denominado pelo autor como “romance de aventuras e costumes da vida das tias”. Em algum momento do romance, composto por narrativas menores, por vezes sem uma ligação muito clara entre elas, o narrador diz que a sua ambição é criar um “Decamerão das bibas”. O trecho abaixo foi retirado da edição ampliada e revista do romance

¹ Bacharela em Letras Polonês e tradutora. E-mail: eneidafavre@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-0241-7013>.

² Professor de literatura polonesa e de tradução literária da UFPR, tradutor de poesia, fundador e coordenador do Centro de Estudos Poloneses (CEPOL) da UFPR. E-mail: emaildopiotr@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0803-4291>.

intitulada *Lubiewo bez cenzury* (Lubiewo sem censura), publicada em 2012 e fez parte do trabalho de conclusão do curso de Eneida Favre que discutiu nele os desafios que o romance apresentava a um tradutor. Embora os livros de Witkowski fossem traduzidos para mais de 30 idiomas, ainda estamos à espera de uma edição de um livro seu em português.

Dżesika

Dżesika trabalhava como auxiliar de enfermagem em um hospital, era maliciosa e burra. As coisas que tiveram mais impacto em sua vida foram as séries de tevê. Primeiro, Dallas, depois, Retorno ao Éden, Norte-Sul e, finalmente, antes de morrer, Dinastia, que via na sala de emergência. Simples assim: Dżesika lavava as vidraças sujas do corredor do hospital e via nelas o seu reflexo como a protagonista Alexis. Talvez por causa da distância, da escuridão ou por qualquer outro motivo, o jaleco sujo de Dżesika repleto de números de registros e carimbos roxos, parecia ser, no vidro, o vestido branco que Alexis usava no último episódio. Seus cachos suados se armavam como um permanente recém-feito. Dżesika ficava até muda de prazer e espanto. Lentamente, sem tirar os olhos do vidro, descia da escada e colocava o balde no chão. Lá fora no pátio, com miados e gritinhos horríveis, os gatos se mordiam. Todos eles eram pretos e maus.

Uma vez, Dżesi teve de levar uma perna amputada para o lugar na capela onde recolhiam o lixo biológico. A perna era surpreendentemente pesada. Ela a deixaria lá, onde uma equipe especial viria pegá-la. Enquanto estava caminhando carregando a perna que parecia um tronco, os gatos vieram miando atrás dela como se estivessem farejando comida.

Por muito tempo, Dżesi não se conformava com certos fatos: por exemplo, como é que ela, Alexis, tinha de carregar uma perna? Como isso era possível? No entanto, ela superou o fato e desde então costumava dizer que tinha uma profissão muito difícil e honrosa que era “salvar vidas humanas” e que tinha encontros diários com a morte.

Pelo menos até esse momento, Dżesika percebia que era tudo uma ilusão, que suas luvas sujas compradas na feira não eram luvas fofinhas de pele de carneiro e a vodka bebida de noite na garagem dos bondes não era champanhe. Sabia que tudo não passava de um pouco de fantasia para tornar mais fácil entornar aquele cálice da sua vida, que de modo algum tinha gosto de champanhe. “Bem, se a gente olhar mais de perto, nada disso é bem verdade”, ela pensava, enquanto recolhiam as comadres cheias e olhava para o misterioso carrinho parado no corredor, provavelmente lotado de frascos transparentes com

cocô para exame – “ainda estou muito longe de ser uma Alexis, mas podemos fingir, ó, assim como crianças pequenas” – e piscava os olhos para o espelho, bem como se tivesse acabado de contar uma piada picante para Blake Carrington ou, melhor ainda, para sua esposa Cristal. “Então vamos fingir que a partir de hoje eu sou ela. Com certeza será mais agradável assim aguentar toda essa merda.” E Dżesika vivia feliz e piradona e era uma grande dama! Empinava o nariz, deixava os pacientes acenderem o seu cigarro, mas nunca lhes agradecia. Mantinha a cabeça erguida, enrolava o cabelo com cacheador elétrico, passava pomada protetora nos lábios e se divertia dizendo que era batom. Ela costumava se juntar às outras auxiliares e faxineiras, se sentava lá no almoxarifado e se sentia a mais importante de todas!

“Esse seu Zdzisio” – o nome de Dżesika, infelizmente, era Zdzisław, Zdzisio para os conhecidos – “se senta como uma rainha, cruza as pernas, não quer comer o pão com manteiga do jantar! E fuma o cigarro com piteira de vidro! Fuma que nem uma chaminé!” E as auxiliares não conseguiam entender por que seu Zdzisio, a nossa rainha, a nossa Zdzisława nunca dava em cima de nenhuma delas.

Um dia, uma enfermeira brutamontes, uma baranga ordinária, uma anta completa que ficava cantando as músicas do Festival de San Remo o dia todo, flagrou a Dżesika na sala das caldeiras. Estava em uma situação inequívoca com um fumante. A enfermeira aterrorizada até largou a cânula, que não ia servir para mais nada, porque a agulha tocou aquele chão imundo de pó de carvão. “Maria, Maria, Maria”, a enfermeira cantarolava seu hit favorito com satisfação maliciosa e decidiu perseguir a Dżesika. A partir de então, se alguém elogiava a Dżesika na sala das enfermeiras, ela murmurava baixinho:

“Sim, sim, a princesinha, a princesa Diana... Mas para despejar o xixi dos papagaios não tem ninguém, né?...” As conversas cotidianas das auxiliares chegavam até Dżesika como num sonho:

“Ligue a tevê, porque hoje vai sair a lista de San Remo. Que bom que hoje estou no plantão da noite, então vou assistir.”

“Vá lá pro pronto-socorro, lá a tevê é colorida. Eu sempre vou pro pronto-socorro quando tem patinação artística... Lá nos tuberculosos a tevê chuveira que é um horror.”

“A tevê deve ter horror é da tuberculose!”

“É, mas o que é um horror lá é o serviço de saúde. Já nos sífilíticos eles têm tudo do bom e do melhor com as arrumadeiras, só que eu acho meio nojento ir lá.”

Dżesika adorava andar por aquele hospital antigo de noite, e a enfermeira brutamontes ia atrás dela passo a passo. Era um edifício gigantesco construído ainda pelos alemães no qual cada época deixou suas reformas e anexos. Uma arquitetura bizarra as-

sim, só no Hospital Menino Jesus, em Varsóvia. De vez em quando, Dżesika descobria depósitos esquecidos cheios de cadeiras, luminárias quebradas e mesas de cirurgia. Os edifícios de tijolos vermelhos permaneciam imponentes no imenso parque. Os alemães construíram ali um quarteirão hospitalar inteiro atrás de cercas altas e adornadas. De noite, os corredores mortos, baixos e longos como em um abrigo antiaéreo eram iluminados com uma luz de gás neon desfalecida. Era difícil não se perder naquele labirinto. É claro que era possível se guiar pelas setas de orientação brancas nas placas verdes, mas aí ia se perder mais rápido, porque as setas confundem e apontam para direções contraditórias. Mais cedo ou mais tarde, Dżesika sempre topava com uma seta apontando exatamente para a direção oposta. Muitas portas de vidro das passagens das enfermarias para as escadas estavam fechadas com correntes que faziam um barulho inóspito. No andar térreo, o quiosque para pacientes, que estava fechado, oferecia principalmente produtos banais como cartões telefônicos, sucos em caixinha ou números da revista “Detetive”, para que os pacientes não ficassem entediados e encurtassem a sua própria espera da morte lendo sobre a morte alheia. Mais abaixo ainda estava o porão, onde, quem sabe, guardavam os corpos dos mortos, porque, afinal – Dżesi sabia disso como poucos – todos os dias morriam ali cerca de cinco pessoas. Mas nem todos eles eram levados para a capela escondida no final do complexo, onde também estava o departamento de anatomopatologia. Quando cortavam os cadáveres, vinham alunos bonitões, e os alunos do primeiro ano logo saíam para vomitar nos arbustos. “Na certa viram aquela minha perna!”, Dżesi pensou.

No entanto, no zumbido da eletricidade, naquele mundo triste e frio, ela não conseguia encontrar nenhum fantasma. A morte no hospital era moderna, vazia como uma concha, científica, fervilhante de correntes elétricas e cheirando a desinfetante.

Durante as excursões noturnas, Dżesi se trancava nos banheiros grandes, vazios e frios. Ela inalava o cheiro de desinfecção. Uma vez ela abriu a janela e olhou para o poço no pátio. O frio intenso a atingiu no rosto, olhando para baixo, parecia que algo se movia. Noutra vez, andando assim à noite, ela descobriu um banheiro que ela desconhecia completamente, acima da clínica de cardiologia. A porta pesada rangia e o eco da unidade de ressuscitação adormecida repetia os rangidos muitas vezes. O banheiro estava um gelo – via-se que ninguém mais o aquecia desde que chegaram os cortes financeiros. Servia de depósito: suportes de soro, cadeiras de roda para os pacientes fracos demais, para que se locomovessem com suas próprias forças, extintores de incêndio velhos, armários com os vidros quebrados – tudo isso se amontoando no pó e congelando como pedra de gelo. Ela descobriu também um espelho com números de registro brancos, todo sujo e embaçado, mas, por isso mesmo, sabendo mentir muito

bem. Nesses momentos, Dżesi gostava de tirar do bolso um pedaço de batom e brincos de plástico branco baratinhos (roubados na enfermaria feminina da mesinha de uma mulher mentalmente ausente), e aí... era a Alexis! Abriu a janela e viu que do outro lado havia alguém – talvez um paciente mais saudável, algum mantido ali, provavelmente, apenas em observação – ele olha para ela fumando um cigarro (estritamente proibido). Dżesika ficou na janela e abriu o jaleco e, ignorando a escuridão e o frio, começou a beliscar seus mamilos. Daquela distância, ela não sabia se o paciente poderia perceber que se tratava de um homem ou se os brincos de plástico, os lábios vermelhos e as pálpebras roxas o confundiriam, mas viu que ele ficou encarando, encarando, fazendo uns movimentos monótonos com a mão. Ou isso era o que Dżesika achava, pois a imaginação faz maravilhas no escuro. No dia seguinte, ela viu quando o levaram para uma cirurgia, e ela pensou que tinha causado um impacto “mortal”!

Aqui, as chaves dos banheiros são como as das antigas alcovas, com um grande círculo, e todas as portas foram pintadas umas quinze vezes e, removendo uma camada de tinta a óleo, podemos nos transportar para uma época completamente diferente. Para a ameaçadora década de 1950, cheia de canções e ação. Para os decadentes anos 1940, quando os soldados alemães trazidos da frente de batalha e feridos mortalmente ficavam deitados aqui. Para o final do século XIX, quando aqui era tudo tão... tão... prussiano... (foi tudo o que lhe veio à cabeça). Dżesika se sentava no vaso sanitário e imaginava que estava menstruada. Ficar sentada ali a deixava logo excitada, especialmente porque não fechava a porta e um paciente poderia entrar a qualquer momento. Não pensava que – com grande probabilidade – seria um velhinho tuberculoso arrastando atrás de si o tubo do cateter. Estava feliz porque morava em um palácio, um grande palácio antigo. Bebia vodka, fumava cigarros e chupava um cacete atrás do outro. Ela nunca mudaria de personagem. Afinal, a tal Alexis, por algum acaso, não tinha uma vida melhor do que a dela...?

Para outras bibas, Dżesi, aquela agridoce Dżesi não era legal. Há muito tempo vinha aprendendo com bastante sucesso a difícil arte da intriga. Ficava congelando nos telefones públicos, gastava seus trocados só para ligar para as amigas, fazer um monte de denúncias, dizer que era engano, ficar muda no telefone, mudar a voz com um lenço, ou seja – era uma babaca. E queria ser assim! No fim, todas as bibas tinham medo de se relacionar com ela, porque sempre tudo acabava numa intriga complicada, sem falar das fofocas! Dżesi era magra, tinha o rosto comprido e marcado pela micose. Usava um casquinho cor-de-rosa envolvendo o peito afundado e um lenço de fios prateados no pescoço. Suas botas brancas tinham a inscrição “Relax”.

“Meu nome é Dżesika Masoni, e queixinho levantado, meu rapaz, quando falar comigo! Venha cá, gatinho, vou lhe dizer uma coisa. Abaixei aqui essa sua orelhinha heterótica. Vamos fazer assim: você me chupa e depois a tia te chupa, olha só como eu estou com os biquinhos durinhos, um dia as menininhas vão te mostrar para que servem os biquinhos. Por enquanto você é muito novinho, gatinho!”

Uma vez, Dżesi estava viajando de bonde, como sempre sem o bilhete da passagem. O fiscal se aproxima dela:

“A passagem, senhor?” – Dżesi não perdeu nem por um momento a presença de espírito.

“O senhor talvez não saiba com quem está falando. Com a própria Dżesika Masoni! O senhor não acredita? O senhor pode ligar e perguntar aí pela Radiocidadão! Até no jornal russo já escreveram sobre mim...”

Na verdade, Dżesi só se dava com a Andżelika dos serviços sociais, e apareciam juntas no parque e na sauna conhecida naqueles tempos de outrora como “banho a vapor” ou “Balneários Estatais”. Quando iam azarar no parque, ficava uma de cada lado do caminho perto do Panorama de Raławice e caçavam os motoristas dos carros, e depois contavam histórias incríveis sobre eles. “Eu peguei um alemão, ele disse que me levaria para a Alemanha, vou ser uma polonesa da limpeza.” “Eu peguei um milionário.” Mas o que causava a maior sensação era sempre aquela mesma e simples declaração: eu peguei um cafuçú. Nada causava tamanho interesse. Nenhum paletó, nenhuma pasta de couro trancada com fecho codificado despertava tanta inveja quanto os dentes estragados, a cara vermelha, as coxas potentes e o arrotado de cerveja.

As velas estão acesas nos túmulos de Dżesika, Andżelika e Łucja. É verdade que sempre se apagam, porque está frio, é final de outono, toda hora tem chuva com neve e vento. Porém temos na bolsa uns lampeõezinhos. Agora é preciso enfiar um fósforo lá dentro e não queimar os dedos. As brasas de cigarro brilham no escuro. Ardem na garganta.

É assim que normalmente se começa a morrer. De repente, ainda em seu estágio inicial, todas as cores se tornam acinzentadas..., não, não acinzentadas, apenas começam a parecer completamente diferentes. Levaram umas laranjas para o hospital e as colocaram na mesinha branca de esmalte lascado. Dżesika olha para elas e fica surpresa que elas ainda existam, porque ela mesma já não existe e a existência se torna uma coisa estranha. Isso se chama olhar da outra margem. Na outra margem existe uma dor incessante, como se o corpo tivesse a intenção de se tornar repugnante para Dżesika, para que ela não se

lamentasse por ter de se separar dele. Dżesika tem medo do próprio corpo, pois sabe que daqui a uns meses vai feder. Olha para suas unhas e já vê nelas as bordas azuladas. Por causa do antigo trabalho, conhece bem o charme da decomposição. Ela é como aquela perna que recolheu depois da cirurgia. Dżesika: uma enorme sucata biológica, um problema sanitário. Ah, como gostaria de se livrar daquele corpo! Mas é justamente esse o problema, isso não é possível. Não quer aquele corpo que se autodestrói e que, de repente, parece tão durável quanto uma bolha de sabão, quanto uma gotícula de proteína, uma proteína envenenada. Um fungo venenoso. Sobretudo quando ela olha de cima e vê tudo como se estivesse na Lua. Somente agora percebe inteiramente que nunca, nem por um momento, tinha acreditado na possibilidade da própria morte.

As conversas noturnas com o pessoal do serviço de apoio emocional realmente acalmam.

Dżesika demorou muito para morrer. Primeiro, foi a infecção de garganta curada rapidamente. Uns dias depois, angina – curada. E, de novo, gripe. Pergunta do médico:

“O senhor, por acaso, não teve nos últimos três meses...” E a histeria de Dżesika; Dżesika vomita na pia. Exames de sangue, mas ainda não para aquilo, só aqueles de imunidade, que – ao que parece – ela não tem. Norma 18, agora é 22. É uma coleta de sangue de verdade agora, todos os 5 tubinhos para o laboratório, veredicto em uma semana. Durante aqueles dias, por pouco Dżesika não morreu, sendo erroneamente medicada para pneumonia. Pela primeira vez ela não tinha domínio sobre seu próprio corpo, qualquer dor de garganta passava depois de tomar a medicação e voltava em apenas algumas horas, voltava como um incêndio não extinto. Na última transfusão de sangue (moças alegres, não têm ideia de nada, fazem brincadeiras), o mais recente sucesso da banda Budka Suflera estava tocando no rádio, e Dżesika considerou isso uma falta de sensibilidade. No banheiro, onde fez xixi, viu um adesivo com o anúncio de uma empresa fabricante de janelas de PVC e ficou irada com a falta de sensibilidade. Porque a vida ribomba ao redor completamente inconsciente de sua transitoriedade!

“Não se preocupe, não precisa se preocupar, não há o que temer!”, berra o médico, mas ele responde a perguntas específicas com uma seriedade aterrorizante e seu jeito amigável é suspeito. Porra! Ele pergunta se pode ajudar em alguma coisa, e isso é pior ainda! Os amigos perguntam se podem ajudar! Essa atmosfera pegajosa de amizade e compreensão é monstruosa. Alguém quer ir com ela buscar os resultados, porque “você não deveria estar sozinho neste momento”; alguém propõe uma carona, porque “afinal de contas, é fim de outono e não se deve andar no frio quando se tem baixa imunidade! Veja bem, alguém pode tossir no bonde!” Aquilo tudo de repente se transforma numa pasta

grudenta, e a pasta envolve Dżesika e penetra em seus pulmões. O médico, discretamente, para não criar pânico, palpa seus gânglios linfáticos – pescoço, axilas. Lava as mãos, na certa as axilas fedem a suor, mas quem é que lava as mãos quando é só pneumonia?

O corpo estava desafinado como um piano velho e, além disso, algum inimigo oculto batia no teclado com um machado. E aquela secura – sede, o incêndio na garganta enlouquecia, toda bebida era absorvida como água pela areia. Nem os antibióticos ajudavam! Era preciso aceitar isso. E logo ela, que era sempre tão eloquente, e queixinho para cima, gatinho, quando fala comigo, e bolsada na cabeça, ela agora se envergonha de murmurar aquelas três palavras: “grupo de risco”. Senta-se na maca e fica olhando para o armariozinho de vidro com remédios sempre trancado a cadeado, arranca os cabelos e com os lábios brancos resmunga alguma coisa ininteligível. A voz começa a se entrecortar: “pois é, pode até ser... Porque eu... Porque eu posso ter... Quando finalmente aterrissa no hospital, vive o tempo todo como se num estado de semiconsciência. Se sente mais estranha ainda quando começa a se autoconsolar, mas também, que tipo de consolo é esse? ... Por seus olhos passava todo um desfile de pessoas mortas há tempos. Morreram, e daí? Ou podemos ver tudo de outro modo – afinal pode acontecer logo, ou daqui a alguns milhares de anos, ou mesmo daqui a um milhão de anos, e daí? Pois daqui a algum tempo não haverá mais ninguém na Terra. Nem a própria Terra é eterna, o universo não é eterno, que dirá as pessoas!

*

E logo apareceram as lembranças da infância, do tempo em que ainda não se sabia sobre essa triste inevitabilidade. A cabeça da mamãe com uma peruca ruiva de cabelos enrolados em grandes cachos, moderna na época. O rosto era jovem, como nas antigas fotografias em preto e branco de bordas picotadas. Logo depois disso seguiu-se uma grande lacuna na memória, embora Dżesika ainda estivesse nos anos 1960. Estava em seu novo apartamento, num bloco recém-construído, estava sentada na cozinha e a vovó a segurava nos braços. Dżesika mostra com a “mãozinha” a esquadria de uma janela que tinha na parte de baixo uma espécie de tranca ou ferrolho para abrir os vidros duplos. E pergunta: “Que é isso?” e ouve: “Lá é onde o padeiro assa o pãozinho”. Este é um dos enigmas de sua infância nunca esclarecidos, porque, afinal – checou isso muitas vezes – nunca houve uma padaria atrás daquela janela. Desde aquela época, naquela caixinha branca de metal negligentemente pintada a óleo, cheia de crostinhas, fixada ao antigo modelo de janelas,

o padeiro pacientemente assava o pãozinho e assim continuará a assá-lo, porque a única pessoa capaz de desfazer o encantamento já não vivia há muito tempo.

Depois veio a enfermeira, pegou uma veia para o soro, mas Dżesi queria que ela fosse embora o mais rápido possível. Num certo momento, quando decidiram lhe introduzir um tubo na garganta para que ela respirasse melhor, aquela tranquilidade ilusória se esvaneceu e ela foi tomada por uma terrível histeria. Gritava por toda a enfermaria, primeiro despertava de noite, chorava baixinho para não acordar ninguém, depois parou de se preocupar com os outros, saiu correndo pelo corredor. O tubo da garganta balançava, o aparelho tombou atrás dela. Corria e caiu perto do calefator, ao lado da sala de cirurgia, arrancava os próprios cabelos, arranhava-se no rosto. Enxergava manchinhas vermelhas na frente dos olhos, esfregava os olhos e via várias pessoas que se aproximavam dela e gritavam:

“Tire as calças, Dżesika! Bota o traseiro pra cima, Dżesika!”

“Mas cuidado, porque você já tem o cu tão arrombado que a merda vai transbordar de você. Todo mundo tem nojo de te foder porque não querem se melar com essa tua merda aidética!”

Pareceu-lhe que alguém com uma lanterna de metal frio a examinava dentro do reto.

“Se empine aí, se empine, vamos todos olhar o seu buraco! Oh, você também tem um pau, mas que flácido!”

“Nããããoooo!”, berra Dżesika por toda a ala, por todo aquele hospital gigante, “Nããããoooo!” Berra daquele jeito para sucumbir logo, para finalmente morrer. “Nããããoooo!” Tenta escapar, luta, estertora, cospe, porque alguém a agarra, aperta. Dżesika morde, morde aquele alguém até sair sangue, leva um soco na boca e já aquele alguém a espeta na mão, e uma queimadura formigante sobe pelo braço, e queima, e vem pelas veias e se espalha por todo o corpo, uma nuvenzinha de calor efervescente chega ao cérebro e subitamente Dżesika vê que está deitada com a bunda de fora no chão frio, coberta de sangue e secreções, e uma multidão de pacientes vestindo roupões, a enfermeira e outras auxiliares estão em volta, e a médica de plantão ordena que eles se dispersem. E um velhinho cochicha para a enfermeira: “Que doença horrível é essa AIDS, foram os macacos que nos trouxeram isso, transavam com macaco no Ocidente, parece que ataca o sistema nervoso e o cérebro, as pessoas enlouquecem.” Dżesika adormece, ela ainda sente quando a levam nos braços para algum lugar, talvez para a enfermaria ou para o isolamento, ou será que para outro lugar, um lugar onde não exista mais nada?

REFERÊNCIA

WITKOWSKI, Michał. *Lubiewo bez cenzury*. Varsóvia: Świat książki, 2012.